

Estratificação Social e Filiação Religiosa. Reflexões Sobre a Inserção da IECLB no Contexto Sócio-Religioso Brasileiro*

Gerd Uwe Kliewer

I. O homem consome serviços religiosos

A Sociologia constata que o homem precisa de religião. Ele tem necessidades religiosas. Para satisfazê-las, ele criou e desenvolveu conceitos e idéias sobre Deus e o mundo, deuses e universos, sobre vida e morte, corpo e alma, sobre tempo e eternidade, sobre o aqui e o além. Trabalhou o Sagrado, o Desconhecido, o Tremendo. E criou também instituições, organizações destinadas a cuidar dessas necessidades religiosas — as religiões organizadas, as igrejas, as seitas, os terreiros...

Essa criação foi realizada em sociedade, no processo histórico. Os indivíduos e grupos aqui e agora não necessariamente têm consciência de serem os criadores desses sistemas e instituições religiosos. Sim, parece ser até uma condição para o bom funcionamento de um sistema religioso que os grupos que sustentam esse sistema não tenham consciência de eles serem os criadores do mesmo. Afinal, a Igreja, p.ex., não é criação humana (apesar de que já admitimos a participação humana e vemos acontecer coisas muito humanas dentro dela), mas, em última instância, criação de Deus.

Os indivíduos e grupos, sem consciência de serem agentes dos sistemas religiosos, vêem-nos como dados a priori e enfrentam-nos como

* Esta palestra foi apresentada na Consulta da Federação Luterana Mundial sobre "Missão e Evangelização em área urbana" em Porto Alegre-RS, em 2 a 6 de março de 1987. Ela não se preocupa em documentar as suas fontes teóricas. Nem se baseia numa pesquisa sistemática e sociologicamente impecável. Suas colocações baseiam-se na "observação participativa" de um pastor da IECLB. A pequena introdução sociológica — item 1 e parte de 2 — serve só para deixar claro que aqui não se faz teologia. A transcendência, nas reflexões apresentadas, fica de fora. Creio, porém, que estas reflexões sociológicas questionam seriamente a teologia.

consumidores de serviços religiosos. Procuram-nos para satisfazer as suas necessidades religiosas. Procuram respostas, auxílios e soluções para as situações existenciais em que vivem. Procuram acompanhamento e orientação para entender e estruturar o seu mundo, a sua vida.

2. Cada um como quer e como pode

Não se pode presumir que as necessidades religiosas de todos os homens são iguais. Na verdade, cada indivíduo tem expectativas bem diferentes e diversas quanto à religião. Os acontecimentos na sua vida — doença, ânsia, problemas, namoro, casamento — farão surgir expectativas variadas frente ao sistema religioso. A idade interfere — o jovem quer saber da vida, o velho quer saber da morte.

O sistema econômico — a maneira de produzir e reproduzir a vida humana e a da sociedade — sem dúvida é um forte condicionante das expectativas e necessidades religiosas. Ele condiciona também o desenvolvimento dos sistemas religiosos e de suas instituições. Todo sistema econômico, outrossim, cria a sua estratificação social. Divide os homens em ricos e pobres, poderosos e oprimidos, mandantes e subalternos, reconhecidos e marginalizados.

Resumindo, as necessidades religiosas de indivíduos e grupos variam conforme as suas situações vivenciais, disposição, inteligência, psique, cultura. Seriam estas as **condicionantes individuais** da prática religiosa. Somam-se a estas as **condicionantes sociais** decorrentes da situação do indivíduo ou grupo no sistema de estratificação social. O sistema econômico, além de situar o indivíduo no sistema de estratificação social, também lhe limita as possibilidades de satisfazer as suas necessidades através da distribuição desigual da renda. Vale para o consumo religioso o mesmo que para as outras áreas de consumo. Quem pode, anda de carro; o pobre vai a pé. Da mesma maneira — Quem tem recursos, casa na catedral, com o bispo; o pobre se ajunta. São as **condicionantes econômicas** da prática religiosa.

As condicionantes mencionadas fazem com que os indivíduos, segundo a sua situação pessoal, social e econômica, usem caminhos e maneiras diversas de satisfazer as suas necessidades religiosas. Quero exemplificar isso através da comparação com outra área, a área da saúde (Obs. — Estou interessado aqui nas condicionantes sócio-econômicas, deixando de lado as pessoais).

A saúde do homem é uma só; mesmo assim, os procedimentos e práticas para preservá-la ou consegui-la variam bastante de um estrato social para outro. As camadas sociais de baixa renda tomam poucas providências para preservar a saúde, garantir recursos e poder tratar-se em caso de doença. Se o INPS não fosse obrigatório, muitos nem fariam questão de estar filiados a ele — enquanto que estão com saúde —, e não são poucos que concordam em sonegar o INPS em troca de vantagem pecuniária. Pode-se discutir, naturalmente, se isso se deve à falta de condições econômicas ou se é um problema de mentalidade. Se a um vendedor de apólices da Golden Cross se mostrasse um bairro pobre e populoso, com muitas doenças, sugerindo que lá ele encontraria muitos interessados em comprar as suas apólices, ele certamente rejeitaria a sugestão. Sabe que lá ele não encontrará fregueses. Como também não os encontrará na zona rural, numa comunidade de colonos, entre pequenos agricultores. Quanto menor o nível de renda, menor o interesse em sistemas de previdência sustentados voluntariamente com recursos próprios. Não que o pobre não se interesse pela saúde. As dificuldades de sobrevivência do dia-a-dia não lhe permitem tomar providências nesta área. Quando a doença ataca, ele reage. Vende a casa, corre atrás de médico, de curandeiro, importuna parentes e amigos para conseguir recursos. Faz de tudo para restabelecer a saúde, sua ou de familiares. Dispõe-se a pagar qualquer preço ao médico. Não quer saber dele explicações do que lhe falta, mas quer remédios, exames. Solucionado o problema, deixa de novo tudo ao Deus-dará. O que motiva a sua prática em relação à saúde, não é saúde, mas a doença.

O nosso vendedor de seguro-saúde sabe que o seu mercado está nos bairros de classe média. Com o aumento da renda, aumenta o interesse em todo tipo de seguros. Quem tem alguma coisa, procura garanti-lo. Quer assegurar o seu status quo. Faz seguro saúde, incêndio, roubo. Ainda mais, preocupa-se com a saúde, com alimentação saudável. Desenvolve teorias sobre saúde, sobre alimentação. Chegando ao médico, quer ter tudo explicado direitinho. Quer saber o que lhe falta e porque, quais as chances de cura. Adota modos de vida para manter a saúde. Conhece e escolhe médicos e hospitais.

Não sei como os realmente ricos resolvem o problema da saúde para si. Será que eles são sócios do Golden Cross? Talvez a sua atitude é semelhante a dos pobres. Só reagem, quando doentes, consultando os melhores especialistas, os hospitais mais sofisticados, usando os recursos mais caros.

Acho que ficou claro que a situação econômica exerce grande influência sobre o comportamento das pessoas em relação à saúde. O mesmo vale para o campo religioso. E até dá para traçar muitos paralelos. Afinal, o médico, o hospital, o INPS cuidam da saúde do corpo; o pastor, a igreja, o terreiro da saúde da alma. E sabemos muito bem que corpo e alma não são assim tão separados e que saúde do corpo e salvação da alma se confundem na vida das pessoas. Vejamos, portanto, como as reflexões acima se aplicam ao campo religioso.

3. Igreja de pobre, igreja de classe média

Faz alguns anos, discutiu-se bastante a assim chamada "Religiosidade popular", os seus valores e defeitos. "Muita reza, pouca missa", dizia-se dela. Isto é, constatou-se que as práticas da religiosidade popular estão pouco ligadas — e pouco ligam — à prática oficializada e legitimada da igreja estabelecida. O povo pobre recorre aos seus santos em caso de necessidade, faz promessas, romarias, sempre em função de dificuldades e problemas que atingem os indivíduos, famílias e grupos. Vai à igreja para receber os sacramentos, entendidos como tendo força mágica. Também as práticas religiosas na umbanda, no candomblé e cultos semelhantes estruturam-se em torno de problemas e necessidades bem concretas. Nas igrejas pentecostais, o povo procura a cura, a êxtase. Em quase todos esse cultos "populares" dominam líderes fortes.

Nas classes mais abastadas se dá mais valor à socialização por meio da religião. A igreja é vista como mantenedora dos valores tradicionais que devem ser transmitidos às gerações futuras. Espera-se da igreja que ela elabore e transmita também uma visão do mundo e garanta a continuidade da sociedade. Não são as necessidades imediatas que motivam em primeiro lugar a prática religiosa, mas as situações mais gerais da existência humana, como nascimento e morte, a puberdade, o casamento, o relacionamento entre as gerações. Espera-se, da igreja, menos soluções do que explicações e racionalizações. Procura-se emoção através da prática religiosa, mas a êxtase é rejeitada. Naturalmente, as motivações para a prática religiosa que aqui apresento não são exclusivos de uma ou outra camada social, mas podem ser considerados como predominantes.

A essas motivações predominantes conforme a camada social correspondem tipos de organização religiosa (= igreja). A igreja dos pobres é estruturada em torno de líderes carismáticos ou santos ou rituais mágicos (a missa muito bem serve a esse propósito). São organizações com

pouca burocratização, pouca regulamentação, pouca burocracia, mas com lideranças autoritárias. Não se decide as coisas em conjunto, mas segue-se o líder. A clientela muitas vezes é flutuante.

A igreja de classe média é estruturada em torno de doutrinas, normas, hierarquia e liturgia, dirigida por funcionários intercambiáveis de formação especializada, muitas vezes adotando procedimentos considerados democráticos. A burocracia é bem desenvolvida.

A esses dois tipos corresponde um sistema de arrecadação de recursos para garantir o sustento da instituição religiosa. A igreja que tem a sua base nas camadas mais pobres da população sustenta-se com a cobrança de serviços, com donativos recebidos em troca de vantagens alcançadas ou esperadas (carnê de salvação, missa paga). Ou, como acontece nas igrejas pentecostais, a clientela é motivada pelo líder carismático, em confronto direto no culto, a responder aos bens recebidos com contribuições dadas ao líder.

A igreja baseada na classe média apresenta um sistema de arrecadação mais organizado. Recolhe impostos eclesiais, anuidades, contribuições fixas. Motiva os membros a colaborar financeiramente não com o líder, mas com o "trabalho da igreja". Mantém listas de associados e procura envolver esses associados com a sua doutrina para integrá-los aos seus objetivos. Procura, assim, tornar permanente, duradoura a necessidade religiosa dos seus membros, garantindo um fluxo estável de recursos para si. Mas justamente por esse esforço, promove uma seleção de sua clientela. Voltando ao exemplo da área de saúde, em vez de oferecer ao cliente o tratamento de sua doença momentânea, procura vender-lhe um seguro saúde. Mas só conseguirá enquadrar nesse sistema aqueles que sentem necessidades religiosas mais constantes e que dispõem de renda que lhes permita um desembolso de quantias regulares para fins religiosos.

Para fins de descrição e exemplificação, os tipos de igreja (= instituição religiosa) aqui descritos são ideais. Na realidade, eles se misturam, e as diversas igrejas existentes na vida real se aproximam mais ou menos a um desses tipos. Cada igreja procura adaptar a sua oferta à camada social na qual ela age. Parece-me que este processo está em curso no Brasil. Os estrategistas de publicidade dividiram a sociedade brasileira em classes conforme a renda (A,B,C,D,E,F...) e sustentam que cada classe representa um mercado consumidor específico. Há produtos que só se consegue vender nas classes A e B, e outros que só são comprados nas classe C e D. E na classe E nem adianta fazer propaganda, porque lá

só se consome o estritamente necessário. É permitido afirmar que, neste esquema, cada igreja com o seu esquema de trabalho vai encontrar o seu mercado?

Parece evidente, também, que a IECLB se aproxima bastante ao tipo descrito como igreja de classe média. Aliás, entre as igrejas cristãs as protestantes, em geral, apresentam a tendência de ligar-se a uma classe, um estrato social. Somente a Igreja Católica, com mais ou menos dificuldade, tem conseguido englobar, até hoje, os dois tipos acima descritos.

4. A IECLB no contexto sócio-religioso brasileiro

A IECLB, igreja transplantada da Alemanha para terras brasileiras, em sua origem é o que na Alemanha se chama de "**Volkskirche**". Este termo o Dr. Martin Dreher tentou traduzir como "igreja de bases populares", uma tradução que não me parece muito boa. A tradução "igreja popular" ou "igreja do povo" também não serve, devido às conotações que os termos "popular" e "povo" têm na língua vernácula e na atualidade. Talvez deva-se traduzir "igreja de massas", tradução que eu quero usar aqui. A igreja de massas caracteriza-se pelo seguinte.

a) Ela tem um sistema de recrutamento inclusivo, isto é, considera **a priori** todos os integrantes de um povo como membros pertencentes a ela. O fato de pertencer a uma certa população torna o indivíduo membro da igreja. Conseqüentemente, subdivide-se e estrutura o seu trabalho geograficamente.

b) Ela possui um corpo de funcionários especializados e desenvolve uma clara distinção entre leigos e clero.

c) Considera-se parte da sociedade e cultura do povo a que serve; apoia a ordem pública deste povo e as estruturas sociais e políticas do mesmo; não está em oposição ao mundo em que vive (apesar de poder fazer críticas a ele). Nela, cultura, ordem pública e religião se confundem.

d) É conservadora e tradicionalista.

e) Trabalha com uma teologia sofisticada, mas não exige que todos os membros a conheçam. As exigências, ao leigo, nesta área, são mínimas.

A IECLB, tradicionalmente, é a igreja do povo alemão que migrou para o Brasil. Nela, etnia e cultura alemã se confundiam com a fé evangélica, e ela considerava os imigrantes alemães de fé evangélica e os

seus descendentes como reservatório natural da sua clientela. Em termos de classes (ou melhor, estratos) sociais, os seus membros eram predominantemente pequenos colonos autônomos, comerciantes, artesãos, com uma pequena liderança intelectual de pastores, professores e outras profissões liberais. Pertenciam à reduzida classe média da antiga sociedade brasileira.

Mas a sociedade brasileira mudou. O capitalismo moderno destruiu as classes tradicionais e amalgamou os agrupamentos étnicos e culturais. Infiltrou-se também no campo e terminou com as pacatas colônias de imigrantes. A televisão se encarrega de formar uma cultura nacional. Hoje; tanto o colono do sul quanto o caboclo do Nordeste pula o carnaval com as escolas de samba no Rio e sofre com Renato Vilar da novela das oito da Globo. Quistos culturais estão condenados à extinção. A população brasileira transferiu-se para as cidades (70%). Os que ainda permanecem no campo são integrados ao sistema através dos meios de comunicação, o sistema bancário e a política agrícola. O pequeno colono, no modo de vida de antigamente, é um tipo em extinção. Seus descendentes transformaram-se em operários, funcionários, empresários agrícolas alguns, e profissionais ou autônomos. E por quanto tempo resistirá a frágil camada de pequenos comerciantes e artesãos?

A fé evangélica foi divorciada do seu correlato, a cultura alemã. O que sobrou de alemão na IECLB não resistirá a mais uma geração. Ela não pode mais contar com o seu reservatório natural para recrutar os seus membros. É uma igreja de massa que perdeu a sua base popular (uma "Volkkirche" que perdeu o seu "Volk"). A fé evangélica dos imigrantes alemães, que estava entrelaçada com uma cultura e um modo de vida, de repente encontra-se órfã.

Poderá a IECLB continuar como uma igreja de massas (Volkkirche)? Detenhamo-nos um pouco nessa pergunta.

A igreja de massas no Brasil é a católica. A igreja de massas caracteriza-se, entre outros traços, pelo fato de sua clientela ser formada por um pequeno núcleo de fiéis e um grande número de participantes ocasionais que vêm usufruir dos serviços dela em certas situações vivenciais ou quando sentem necessidade. No caso do Brasil, suponho que no máximo 10% dos católicos fazem parte do núcleo de fiéis, os restantes 90% formam o que se poderia chamar de "cristandade católica", pessoas com práticas e convicções religiosas oriundas da religiosidade popular católica, que passaram por alguns ritos católicos, mas sem convivência comunitária, nem consciência clara da doutrina da sua igreja. Mas continuam considerando-se católicos, vivendo num ambiente católico.

Também a IECLB tem essa característica de possuir um núcleo de fiéis rodeado por uma "cristandade evangélica" (como é o caso também nas igrejas evangélicas da Alemanha). E enquanto ela estava baseada no quisto étnico alemão, os integrantes dessa cristandade evangélica mantinham os seus traços de fé evangélica através da tradição. A fé evangélica reforçava os traços diferenciais do grupo étnico alemão. Ser evangélico era uma herança que se mantinha por pressão social. Mas com a dissolução do quisto cultural essa herança parece ter perdido todo o seu conteúdo, ou melhor, a sua função distintiva. O membro afastado da nossa igreja não sabe mais por que ele é evangélico e o que o diferencia do católico. Compartilha com o seu vizinho da cristandade católica as mesmas influências culturais, as mesmas práticas e necessidades religiosas. Muitas vezes, o mesmo descaso para com a igreja. Não se pode mais falar em cristandade católica ou evangélica. Há uma cristandade só, como resquício de cristianismo na sociedade secularizada brasileira. E assim, o nosso evangélico desligado descobre que ser um cristão relapso é muito mais fácil na igreja católica do que na evangélica. Pois pode-se ser católico sem pagar anuidade, sem confessar, sem ir à missa. E, afinal, Deus é um só. Chegando neste ponto, o motivo mais leve bastará para pular a cerca. Esta observação é confirmada, p. ex., nas Novas Áreas de Colonização, pela facilidade com que muitos membros passam para a Igreja Católica, quando a sua igreja não está presente e eles "precisam de igreja". Muitos nem chegam a confessar aos seus vizinhos que eles são evangélicos. Porque um dos traços de membro de uma igreja de massas é que ele prefere estar com a maioria e tem horror de pertencer a uma minoria, ser diferente. Igreja de massa (Volkskirche) e minoria em si são contradições.

Concluo, portanto, que o modelo da igreja de massas (Volkskirche) não serve mais para a IECLB. A cristandade brasileira é católica, pelo menos na sua origem (apesar de que, hoje, setores da Igreja Católica gostariam de negar esta paternidade), e aqueles que querem manter a sua atividade religiosa num nível de consumo ocasional acabarão caindo para este lado. A não ser que a IECLB queira montar uma igreja de massas paralela, começando a vender serviços religiosos (como faz a Igreja Católica Brasileira), o que exigiria consideráveis adaptações na prática e na teologia. Resta saber, também, se a própria Igreja Católica não acabará abandonando esta sua cristandade católica, deixando-se à mercê dos exploradores do mercado religioso.

Na situação atual, porém, é assim que todo aquele que não decide diferente, é católico. A IECLB não mais pode contar com um reservató-

rio natural de membros. Ser membro nesta igreja mais e mais está se tornando uma decisão, um ato de "Confissão". O membro tem que assumir a sua condição de cristão evangélico, conscientizar-se de que a sua fé é diferente da maioria. Claro que ele tentará transmitir a sua fé aos seus descendentes, mas não mais pelo mero ato de procriação, mas num processo educativo e consciente.

Acho que essa transformação, que acabei de esboçar, é responsável por uma parte das perdas que a IECLB sofreu na última geração (A minha conjectura é que a IECLB, nos últimos 30 anos, perdeu no mínimo 50% dos seus membros em potencial. Pelos dados disponíveis, o número de membros da IECLB, ficou estável, enquanto que a população brasileira triplicou de 1950 para cá). Quero dizer, grande parte dos filhos e filhas de membros com pouca participação na vida comunitária não foi integrada aos quadros da igreja.

Mas não é este o único motivo da perda de membros. Outro está nas transformações do sistema de estratificação social. O antigo sistema de estratificação social no Brasil foi substituído, ou está sendo substituído, por outro mais condizente com o capitalismo moderno: Proletariado e empresariado, como expressão das forças antagônicas capital e trabalho, e no meio dessas duas classes uma classe média muito variada de funcionários, profissionais liberais, comerciantes, autônomos, pequenos e médios agricultores, intelectuais. Abaixo de tudo isso, uma grande massa marginalizada, exército de reserva.

A classe média, na verdade, de classe só tem o nome. Analisando melhor, trata-se de um aglomerado de categorias sociais com situação econômica, nível de vida e interesses os mais diversos. A ela pertence o dono do boteco na esquina, o coronel do exército, o funcionário público, o dono de uma granja, o produtor de leite com 30 vacas leiteiras, o dono da pequena oficina mecânica. Um aglomerado muito ativo economicamente, conservador, pouco homogêneo.

Pois bem, parece-me que a IECLB não conseguiu segurar os membros em potencial que caíram para o proletariado ou para a massa marginalizada. Um membro da nossa igreja, quando desce para a condição de agregado, de assalariado rural, começa a afastar-se da sua igreja. O filho do colono que casa, sem que o seu pai ou o seu sogro lhe possa dar um pedaço de terra sobre o qual produzir, vendo-se obrigado a sobreviver como diarista, resiste a "associar-se" à comunidade evangélica, para poupar mais uma despesa. Pretende deixar isso para mais tarde, quando a sua condição econômica melhorar. Só que ela não melhora. A filha do pequeno colono que acaba como prostituta numa boate, tem vergonha

de confessar-se evangélica. E quantos descendentes de evangélicos que se mudaram para as cidades no processo de urbanização e se proletariaram, perderam o contato com a sua igreja. Primeiro têm outras necessidades mais prementes que a igreja, e depois descobrem que há outras ofertas religiosas, outras possibilidades de satisfazer as necessidades religiosas. A mudança da situação social faz mudar as necessidades religiosas, e aí a nossa igreja não serve mais. Há outras que satisfazem melhor as novas necessidades.

E os que subiram, passaram para a classe dos ricos, dos empresários, dos dominadores? Também estes, parece-me, na sua maioria, não ficaram na sua igreja. No máximo, mantêm um afastamento benevolente. E muitos viraram católicos, suponho. Afinal, a Igreja Católica é a dominante, e é mais fácil, como rico, ser católico.

Os membros que permaneceram na IECLB são remanescentes das antigas classes que ela atendia, os pequenos colonos que ainda sobram, os agricultores médios que conseguiram sobreviver, os comerciantes e funcionários das cidades, professores, profissionais liberais. Quem conhece as nossas comunidades, sabe que são estas as categorias que predominam. Só em poucos lugares a nossa igreja conseguiu reunir comunidades de operários.

Estará a IECLB então a caminho da extinção? As coisas não acontecem tão rápido assim. Por excelência na religião, que está ligada à tradição e à conservação de valores. Mas não é também pela simples força de inércia que a IECLB sobrevive. Ao mesmo tempo que ela perde aqueles que caem fora das categorias sociais por ela atendidas, ela começa a atrair outras, não originariamente evangélicas, que apreciam a oferta religiosa dela. Surgem, assim, os evangélicos de sobrenome italiano, luso, polonês etc.

5. A IECLB no mercado religioso brasileiro

Qual é então a conclusão de todas essas divagações? Coloco-a em duas teses:

- 1º — A IECLB, assim como ela hoje se apresenta no contexto sócio-religioso brasileiro, é uma igreja de classe média. Ela atrai certas categorias da classe média, que, a meu ver, são a classe média rural e a média-média para média-baixa nas cidades.
- 2º — A IECLB não pode contar mais com o seu reservatório natural (quisto cultural) para recrutar os seus membros. Mais e mais ela tem

que competir com as outras igrejas no mercado religioso brasileiro, fazer a sua oferta e segurar a sua clientela.

Ad 1º — São os seguintes os fatores que, no trabalho da IECLB, atraem a classe média.

a) Ela é uma igreja organizada, regulamentada, com funcionários bem formados, com hierarquia claramente definida. Classe média não gosta de confusão.

b) Ela apresenta uma teologia elaborada, bem fundamentada, aberta para o mundo e abrangente (se for exigido, dá para dar até uma explicação teológica para a AIDS). É uma igreja competente, e classe média gosta de competência.

c) Ela oferece assistência religiosa contínua, através dos seus especialistas em atendimento religioso. Satisfaz as necessidades religiosas de uma maneira ponderada e controlada, sem exageros.

d) Ela possui um sistema de arrecadação adaptado a pessoas de renda média, nos moldes descritos acima.

Ad 2º — O fato de a IECLB, pelo seu modo de trabalho e organização, ter afinidade com a classe média, não significa que com isso ela tem um campo aberto para recrutar membros. Ela compete nesse mercado com todas as outras igrejas e organizações religiosas. E na medida em que ela exige envolvimento e participação dos seus membros, ela vai excluindo aqueles que querem engajar-se o mínimo possível e os que procuram somente atendimento religioso ocasional. Mas acho que ela tem condições de conquistar a sua fatia desse mercado e compensar as perdas que a destruição da sua base étnico-cultural e a proletarianização de muitos dos seus membros lhe impinge.

6. Pode a IECLB acomodar-se servindo só a uma classe social?

É uma pergunta que não se deve fazer à Sociologia. Porque sociologicamente pode. Toda igreja, porém, quer servir, por definição teológica, a todos os homens, a toda a sociedade. Mas o que fazer, se as classes humildes não pertencem aos seus quadros (ou foram excluídos deles), não se interessam pela sua proposta? No Brasil, legalmente, todo indivíduo é livre para fazer a sua escolha religiosa. Uma igreja não se torna popular por decreto ou por opção. Poder-se-ia dizer que quem faz a opção é o cliente, é o indivíduo que se decide por uma ou outra igreja. Se integrantes da classe média optam pela IECLB, de que jeito ela pode ser

igreja da classe operária ou dos desprivilegiados? Não é sem motivo, p. ex., que grande parte da preocupação social da IECLB gira em torno do pequeno agricultor, pois esta categoria social pertence aos seus quadros. Nada impede, porém, que uma igreja, na qual predomina uma certa classe, se preocupe também com as outras classes. Só que essa preocupação será pautada pela visão própria dessa classe, isto é, no nosso caso pela visão da classe média (ex.: Nos meios da IECLB, as soluções mais aceitas e defendidas para o problema social são controle de natalidade ou planejamento familiar e formação, procedimentos que a própria classe média valoriza). Uma igreja de classe pode esforçar-se a ser igreja **para** as outras classes, mas não conseguirá ser **das** outras classes.

Talvez a IECLB devia preocupar-se em conquistar outras classes, em ampliar o leque de categorias sociais dos seus membros. Para conseguir isto, será necessário mudar a forma de trabalho, a "pastoral", toda a estrutura, inclusive a teologia, e talvez até a hierarquia. Mas não existem receitas prontas para isso.